



MENSAGEM DE  
UMA OVELHA  
A UM PASTOR -  
pág. 4

# O MINISTÉRIO adventista

---

## Faltam Quatro Páginas

O livro é fascinante. Não é sem razão que está publicado em um total de mais de 230.000 exemplares. O estilo é ligeiro e ameno, o pensamento profundo, e por isto mesmo facilmente compreensível. Pinta o ser humano de corpo inteiro, com suas lutas, frustrações, injustiças e anelos, como também com o vazio que, sem querer, constantemente se fabrica no íntimo.

"Tudo me parece acinzentado e sombrio como ocorre com a Natureza quando a neve empana o Sol e cobre a terra. Tudo me oprime, tudo me pesa, sinto-me tarde e lento. Ao despertar, a manhã me oprime, pois ela encerra um dia. Tenho pressa em desaparecer, invejo a morte como instrumento de olvido. Quisera partir, evadir-me, fugir para qualquer lugar, escapar. Mas escapar de quê? De Ti, Senhor, dos outros, de mim, não sei. Mas partir, fugir. Avanzo como um ébrio, empurrado pela rotina, sem saber." — Poemas para Rezar, p. 164.

Ao final de cada peditório há uma "resposta" de Deus, que pretende ser a solução às inquietudes apresentadas. Mas, apesar da beleza de muitos poemas, o impacto do homem miserável que retrata, é superior ao remédio.

O livro nos cativou, mas encontramos uma notória ausência da "vida em abundância" que Cristo ofereceu. Que bênção poderia ser essa linguagem incisiva, poética e humana, se encerrassem a alegria de viver em Deus e uma esperança e certeza que provém de Cristo e Seu evangelho.

A chave a tivemos ao chegar às páginas finais do livro, e de modo especial, à última. Desejávamos que o livro tivesse quatro páginas mais, com igual estilo, com a mesma fascinação, mas com uma mensagem lógica, esperada, que deveria vir logo após a página 203.

"Senhor, um esforço mais," diz, comentando a cruz de Cristo, ao chegar quase ao fim do capítulo: "Orações para Acompanhar a Via Crucis". "Ali está a humanidade que, sem saber, espera o grito do seu Salvador. Já Tu, Pai, inclinas e estendes os braços. Ali estão Teus irmãos; eles necessitam de Ti," acrescenta. "Penosamente, só entre o céu e a Terra, dentro da noite

atroz, louco, louco de amor, fez subir Sua vida, fez subir o pecado do mundo até a ponta dos lábios, e um grito deu TODO. 'Pai, em Tuas mãos entrego o Meu espírito.'" (pp. 198, 199).

E agora as páginas finais: "Jesus É Entregue a Sua Mãe," é o penúltimo título. "Tua tarefa está terminada; podes largar a ferramenta, podes descer para descansar; bem mereces o Teu repouso," diz de Cristo já morto. (p. 200).

Lamentavelmente Cristo fica morto, derrotado. Não há uma página para a Sua ressurreição. Nem uma sequer. A cruz é derrotada, é uma simples obra de sacrifício, pois ali acaba tudo, com um mártir admirável, pois sofreu caladamente e sem culpa. Morreu valentemente, mas isso foi o fim.

Uma pessoa, porém, fica viva; é Maria, a mãe de Jesus, e a ela o autor se encomenda:

"Não há dúvida, fizeste Tua mãe sofrer demasiado, mas ela está orgulhosa de Ti:

"Dorme agora, meu Filho; Tua mãe vela por Ti ...

"Assim todas as noites adormeço, terminando o labutar do dia.

"Aceitarás ainda assim, Maria, velar sobre mim todas essas noites.

"Não te olvides. És o refúgio dos pecadores;

"Santa Maria mãe de Deus, roga por mim, pecador.

"Dá-me esta graça, pelos méritos de teu Filho.

"Para que cada noite em paz, repousando entre teus braços, eu aprenda a morrer." (pp. 201, 202).

E aqui as últimas palavras, na seção final, a de n.º 14:

"Jesus é depositado na tumba".

"Pois seria uma mentira eu chorar diante de Tua fria imagem se eu não Te seguisse, vivo nas sendas dos homens". (p. 203.)

Sim, faltam pelo menos quatro páginas. Uma para a ressurreição, outra para a ascensão, e terceira para a intercessão como Advogado, e uma final para a volta em glória. Só assim estaria completo o quadro de Cristo.

Mas por faltar a mensagem positiva da tum-



ba vazia é que o autor não pode através das maravilhosas e inteligentes páginas do livro, fazer vibrar as notas da esperança, ficando fluando sempre, simplesmente o quadro magistralmente pintado do homem, humano, limitado, frustrado, sem esperança e lamentando suas desditas. Por derivar tudo à mãe de Jesus, é que só há um intento de esperança em algumas páginas.

Ali está o verdadeiro drama da humanidade. Os problemas são enormes, as soluções são humanas, simplesmente paliativos. Para muitos cristãos, a religião é oca, apenas um cumprimento mecânico de ritos, preces, letanias, proclamações ou uma obediência forçada, sem o motivo de Cristo como impulso. Lutero fazia lacerações no corpo, jejuava, fazia sacrifícios, mas o vazio continuava vazio. Somente quando foi à Palavra, e ali encontrou a justificação pela fé em Cristo, este como o poderoso, suficiente Salvador, que quer, pode e está disposto a salvar, só então, o vazio desapareceu, cedendo lugar à plenitude. Não precisou recorrer a outros.

Em S. João 20, o verbo chorar aparece conjugado quatro vezes entre os versos 11 e 15. "Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava (v. 11) (...) eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? (Esta pergunta foi feita duas vezes, isto é, pelos dois anjos (v. 13), e por Jesus mesmo sem identificar-Se. A resposta era óbvia: Também a Maria faltavam as quatro páginas finais. Logo leu a primeira: a tumba era uma residência passageira para Cristo. Não fora o hortelão que O tirara dali, mas Cristo, senão o Autor da vida, o Alfa e o Ômega, "a ressurreição e a vida" (Atos 3:15; Apoc. 1:11; S. João 11:25), havia vencido a morte e agora estava vivo. E Sua vida significava a vitória final e definitiva. O pranto de Maria transformou-se em gozo, sua desilusão em esperança, a derrota em triunfo. "Tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos". S. Mat. 28:8.

Identica experiência tiveram Cleopas e seus companheiros no caminho para Emaús. Estavam tristes, deprimidos, derrotados. Mas logo o coração ardeu, quando leram a página que faltava. Não creram em ir avante e no desterro como solução, mas em Cristo, em Jesus ressuscitado e triunfador. Não conheceram a "imagem fria" de gesso, de mármore ou de metal, mas ao Senhor da sepultura, o Criador da vida, já não à mercê das turbas, senão como Triunfador. Também eles voltaram gozosos.

Milhares vivem hoje esse drama, embora chamando-se cristãos. São os que chegaram somente até a cruz e a tumba. O seu Cristo está numa urna de vidro, com os olhos cerrados, os joelhos lastimados, morto, digno de compaixão. Numa cidade equatorial conhecemos uma imagem muito popular: o Cristo Pobre, encerrado numa caixa de vidro, pedindo esmolas nos negócios. Com cara de mendigo, com as pernas cruzadas, o braço apoiado nos joelhos, a mão sustendo o queixo para que a cabeça não caia... digno de compaixão. Que cristianismo enfer-

meio não será o daquele que tem um Cristo tal? Contudo há milhões, especialmente na América Latina, que não conhecem outro evangelho que não esse. Seu conceito de Cristo é o de "imagens lanhadas, lívidas, exangues e sanguinolentas. Cristos retorcidos que lutam com a morte, Cristos inertes que a ela sucumbiram. Por toda a península se encontram estes Cristos tangerinos, quintessências de uma tragédia que não acaba nunca" — O Outro Cristo Espanhol, p. 104.

O pregador adventista enfrenta um público com conceito, público com necessidades não satisfeitas. A pregação de Cristo vivente causa impacto. Vêm a luz, e a apreciam.

"Ide pois, imediatamente, e dizei aos Seus discípulos que já ressuscitou". Convidai-os a olhar, não ao sepulcro novo de José, fechado com uma grande pedra, e selado com o selo romano. Cristo não está ali. Não olheis ao sepulcro vazio. Não vos lamentéis como os que se acham sem esperança e desamparados. Jesus vive, e porque Ele vive, nós também viveremos. De corações agradecidos, de lábios tocados com o fogo sagrado, ressoe o alegre cântico: Cristo ressurgiu! Ele vive para fazer intercessão por nós. Apegai-vos a essa esperança, e ela vos firmará a alma qual âncora segura e provada. Crede, e vereis a glória de Deus". — O Desejado de Todas as Nações, p. 592.

Aproxima-se o Natal. Natal e comércio pareceriam sinônimos. Há festas, presentes, árvore natalinas, reis magos. Mas Cristo só é apresentado como o Infante indefeso, nos braços de uma mãe toda vida e toda luz. É também um Cristo impotente; como criança, não tem força salvadora. Sua mãe, sim, possui essa força.

Que este Natal seja de apresentação de um Cristo infante, e que não ficou sempre infante, mas que viveu sem pecado, morreu a morte vicária, preço necessário para o resgate da alma humana, que foi sepultado, que venceu a tumba e que, embora retendo as marcas dos cravos, é o vencedor da morte e de Satanás, que ascendeu ao Céu e foi recebido em glória, que é nosso Advogado e há de voltar em glória e majestade, a fim de buscar a Seus filhos. Acrescentemos ao Natal as quatro páginas que o autor omitiu em seu livro.

Que não seja, porém, só no Natal. Também em nossa experiência cristã pessoal, em nossa pregação durante o ano todo, acrescentemos essas páginas. Cristo sofreu e morreu. A cruz é o preço de nossa vida eterna. Sem a cruz não teríamos esperança. Mas a cruz só tem verdadeiro significado à luz da tumba vazia, de um grupo de discípulos olhando para o céu, sendo consolados pelos anjos, e de uma parte da humanidade olhando para cima, em meio a um grande terremoto, mas com olhos brilhantes de gozo, porque agora, mesmo agora, sua glorificação será realidade. Senhor Michel Quoist: Quando imprimir outra vez o seu livro, acrescente-lhe também mais quatro páginas finais. Só assim estará completo. — Rubén Pereyra

# A Mensagem de uma Ovelha Para o Seu Pastor

De um Leitor da Revista "O Minist  
Adventista"

*Nota: Faz vários meses recebemos esta carta com o pedido de que fosse publicada. Fazemo-lo com muito prazer, transcrevendo-a conforme foi escrita, conservando as palavras e estilo do autor. Esperamos que este apelo de um leigo possa ser ouvido. — A diretoria.*

**G**raças à gentileza de um pastor amigo, que incluiu o meu nome na categoria de obreiro leigo, tenho recebido durante o último ano esse periódico.

Como disse, tenho acompanhado ultimamente os assuntos dessa revista com interesse e satisfação. Durante os últimos trinta anos, desde que conheço a doutrina e a mensagem adventista, tenho seguido de perto suas atividades, programas, campanhas, desenvolvimento, progresso, lutas, e também, mercê de Deus, muitas vitórias. Tenho participado ativamente nessas atividades, direta ou indiretamente, cuidando de igrejas no interior e assessorando o pastorado nas igrejas da capital, onde me encontro agora.

Graças a Deus, desde que me conheço por gente e côncio de minha responsabilidade, tenho devolvido fielmente o quanto pertence ao Senhor, segundo me informa a consciência. Mister se faz dizer que não vai aqui nenhum mérito pessoal, pois apenas cumpri o meu dever, além de ter participado de um alto privilégio de colaborador num trabalho cujo Patrão

sempre nos recompensa centuplicadamente.

Vamos ao nosso assunto: "A Mensagem de uma Ovelha para o seu Pastor". Desnecessário é dizer que estou invertendo a praxe, mas quem sabe trará algum benefício.

Meu querido pastor: Você, em princípio, é o meu exemplo. Eu olho para sua vida, como para um espelho. Procuro me orientar em suas pisadas. Com suas imperfeições, não pode deixar de ser o guia do rebanho. Eu quero lhe dirigir esta mensagem com a máxima humildade, respeito, carinho e devoção. Não quero magoá-lo, feri-lo, tampouco faltar-lhe com o merecido respeito. Um único motivo me leva a escrever esta mensagem, declinando algumas horas de meu descanso noturno. Tenho o máximo interesse que a nossa "Firma" tenha o maior êxito, segundo o plano de Deus. Somos acionistas nessa "Empresa" e queremos que ela tenha o sucesso absoluto.

Dois itens preciso lembrar: 1.º — A mensagem não é minha; 2.º — Já é uma mensagem conhecida.

O livro há pouco publicado em



português, "Conselhos Sobre o Regime Alimentar," de E. G. White, me despertou o interesse para o assunto do qual pouco sabia, embora sua transcendental importância. Na verdade, ignorava o alto teor espiritual que envolvia dita matéria, até que li e reli aquele compêndio, que veio me impressionar ao ponto de me tirar a paz e o sono, enquanto não me inteiarei completamente do conteúdo. Confesso, tive muitas surpresas à medida que descobria verdades que o povo de Deus desconhece e que põe-no até em perigo da própria salvação.

Entre outras muitas surpresas, aquela que mais me impressionou a ponto de "quase até duvidar", só me convenci porque é o **ESPÍRITO DE PROFECIA** que está falando e graças a esse documento eclesiástico é que sou um adventista propriamente dito, aquela que mais me impressionou, dizia eu, foi a seguinte citação: "A reforma da saúde, foi-me mostrado, é parte da terceira mensagem angélica e está com ela tão intimamente relacionada, como está o braço e a mão com o corpo humano. O povo de Deus não está preparado para o alto clamor da terceira mensagem angélica". Procurando maiores esclarecimentos quanto ao que ela se referia à reforma da saúde, descobri que relacionava-se justamente com o apetite. Vejamos à página 22, última frase do parágrafo número 20: "*É impossível aos que condescendem com o apetite, alcançar a perfeição cristã*". Isto, esclarece mais adiante, constitui violação da saúde, o que evidentemente é pecado, pois à pág. 43, parágrafo 49, afirma: "A transgressão da lei física é transgressão da lei de Deus. Pecados da maior magnitude, são cometidos por via indulgência para com o apetite pervertido".

Prossequindo em busca de mais detalhes que viessem trazer mais luz ao assunto, é que descobri que esse apetite de que fala tanto e com tanto ênfase, se referia a algo especial. Que seria? Realmente, sem a menor sombra de dúvida, o apetite aqui mencionado significa intemperança no comer, mesmo da comida saudável". — pp. 55 e seguintes. Mas precisamos ressaltar mais uma vez, o primeiro parágrafo da p. 69, onde ela cita até a data da visão, 10 de dezembro de 1871. "Foi-me mostrado **NOVAMENTE** que a reforma da saúde é um ramo da **GRANDE OBRA** que deve preparar um povo para a vinda do Senhor. Queridos ministros, por que esta mensagem está escondida e não aparece em vossas pregações? Posso pressentir o vosso pensamento: Mas, como? Tenho pregado e com freqüência esse assunto em minha igreja". Vejamos adiante.

O livro continua com uma série de conselhos, fazendo jus ao seu nome, que não poderemos relacioná-los todos, é claro, sempre salientando

e recriminando O **APETITE**, esse leão que temos que enfrentar todos os dias.

Procurando lições espirituais nesse aspecto, é claro que compreenderemos a necessidade de lutar de corpo e alma para combater esse inimigo que nos quer devorar. Cultivando a renúncia, dominando nossa vontade, superando essa tendência de comer a toda hora, pois que, de fato, nosso estômago não sente vontade de descansar e nosso corpo acaba sofrendo as conseqüências. As citações que se seguem, contraindicam comer em excesso, constituindo mesmo uma violência para o nosso organismo. Veja-se na página 102. Mas, o problema é que nenhum de nós acha que come demais, a despeito de que há dias que comemos cinco ou seis vezes. Deixemos, enfim, este aspecto, se bem que a advertência é séria. Glutões no Céu? Não, não. Tais pessoas jamais entrarão pelos portais de pérola da cidade dourada de Deus. "Há trinta e cinco anos pratico o sistema de duas refeições". E. G. White.

Queridos ministros, precisamos prosseguir, se bem que preferíssemos parar por aqui. Especificamente, a que a serve do Senhor se refere quando fala do apetite irresistível? Nenhuma sombra de dúvida paira sobre essa pergunta. Queremos respondê-la com uma citação na sua íntegra, após o que comentaremos outros detalhes. "Deus requer que o apetite seja dominado



"É impossível aos que condescendem com o apetite, alcançar a perfeição cristã."

e se pratique a renúncia no tocante às coisas que fazem mal. Esta é uma obra que tem que ser feita antes que o povo de Deus possa ser apresentado diante de Ele perfeito". O que se encontra entre as coisas que fazem mal. "A possibilidade de adquirir moléstias, é dez vezes aumentada pelo uso da carne. Nenhuma grama de carne deve entrar em nosso estômago. O comer carne não é natural. Como podem aqueles que estão buscando tornar-se puros, refinados e santos, a fim de poderem fruir a companhia dos anjos celestes CONTINUAR A USAR COMO ALIMENTO QUALQUER COISA QUE EXERÇA TÃO NÓCIVO EFEITO NA ALMA E NO CORPO?" A pergunta está respondida com a mais clara lucidez.

Meus prezados pastores, estas verdades já são por demais conhecidas, mas não com aquele cunho de tão alto significado. Vejamos mais adiante: "Foi-me mostrado que o povo de Deus deve assumir atitudes firmes contra o comer carne. Se os nossos apetites clamam pela carne de cadáveres, é uma necessidade jejuar e orar para que o Senhor dê Sua graça para negar-se às concupiscências carnis que combatem contra a alma".

Querido pastor, quer-nos parecer que estamos entrando no lado espiritual da questão. O lado físico é importante, mas o espiritual ainda mais. Os membros da sua igreja sabem disto. "Um regime de carne tende a desenvolver o animalismo. O desenvolvimento do animalismo diminui a espiritualidade, tornando a mente incapaz de compreender a verdade". Note-se, corre risco a própria salvação. "Os que usam carne não possuem nenhuma prova de estarem andando em verdades seguras. Não têm a mínima desculpa quanto a comer a carne de animais mortos. Não posso pensar que estejamos em harmonia com a luz que Deus tem dado nessa prática de comer carne".

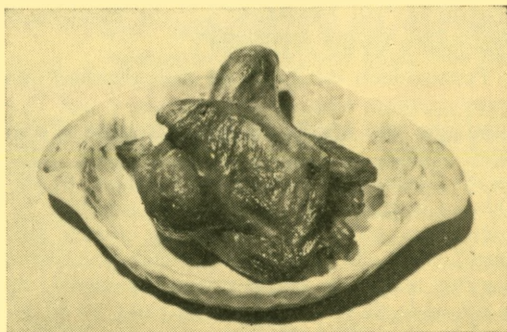
Meu pastor, o senhor tem pregado esta mensagem ao seu rebanho? O senhor pode pregar esta mensagem ao seu rebanho? O senhor está pregando a mais solene mensagem que já foi dada por Deus? "Os homens combatem contra a verdade, por condescenderem com hábitos errados de comer e beber, tirando todo o poder da mensagem que apresentam. Nossos ministros, que conhecem a verdade, devem despertar o povo (...) e levá-lo a abandonar as coisas que criam o apetite contra a carne; caso contrário, PERDERÃO O PODER ESPIRITUAL. Não dê nenhum dos nossos ministros UM MAU TESTEMUNHO por comer carne. Esses são levados por Satanás, não somente a corromper o próprio corpo ..."

Meu querido pastor, tenho-me preocupado muito a respeito deste assunto e não consigo dormir em paz, enquanto não me desincumbir dele. A mensagem não é minha, meu pastor.

É o sustentáculo na igreja que nos manda. O ESPÍRITO DE PROFECIA, que aceitamos como válido, ou recusamos, o que traria opróbrio ao próprio ministério.

Meu pastor, você é meu exemplo, meu espelho, minha bússola. Preciso confiar em você. O rebanho precisa de você. A quem iremos quando surgem os nossos problemas espirituais? "Podemos nós possivelmente ter confiança em ministros que, às mesas em que é servida a carne, unem-se para comê-la?" Como se sentiria um ministro que, abordado pelo seu paroquiano, este lhe dissesse: "Eu não creio no senhor. O senhor está neutralizando o trabalho de seus coobreiros, que estão ensinando a reforma de saúde; o senhor está fora da ordem, OPERANDO DO LADO CONTRÁRIO?" Que podemos entender por operar do lado contrário? "Mas, como pode o Senhor operar em seu favor, quando eles não estão dispostos a fazer-Lhe a vontade, quando se recusam a dar ouvidos às Suas instruções no que concerne à reforma de saúde? Porventura os ministros do Evangelho, que estão proclamando a verdade mais solene enviada a mortais, devem constituir-se exemplo no regresso às panelas de carne do Egito?"

Querido pastor, peça a Deus um poder maior, que jamais tenha recebido, ao meditar no pensamento seguinte: "É LÍCITO QUE OS QUE SÃO SUSTENTADOS PELOS DÍZIMOS DOS CELEIROS DE DEUS SE PERMITAM A CONDESCENDÊNCIA QUE TENDE A ENVENENAR A CORRENTE VIVIFICADORA QUE LHES FLUI NAS VEIAS?"



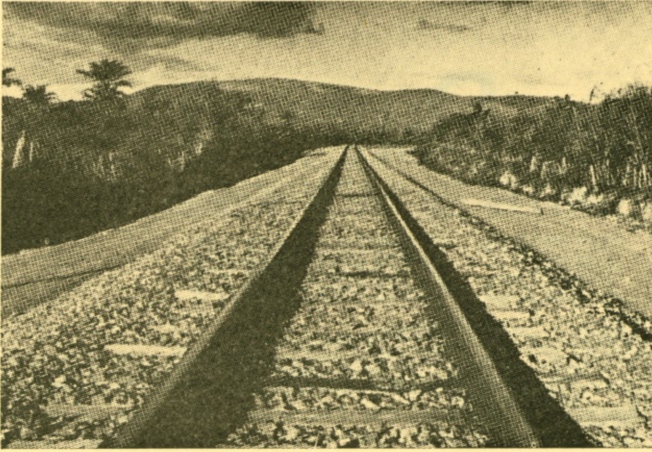
"Não dê nenhum dos nossos pastores UM MAU TESTEMUNHO por comer carne."

DESPREZARÃO A LUZ QUE DEUS LHES DEU E AS ADVERTÊNCIAS QUE LHES FAZ?"

Finalmente, meu amado pastor, Deus é testemunha que não vai dentro de mim nenhum rancor ou algo semelhante contra este ou aquele servo de Deus. Por muito tempo procurei protelar esta missão. Não sei se irá ser publicado

(Continua na pág. 12)





# Itinerário Digno de Confiança

O Dr. F. B. Meyer viajava certa vez para Chicago. Tinha numa das mãos a Bíblia e na outra o itinerário do trem, quando entrou no carro outra pessoa. Ao ver a Bíblia fez o seguinte comentário:

— Parece-me que esse seu velho Livro está fora de moda.

— Que quer o senhor dizer? — interrogou o Dr. Meyer.

— Ora — respondeu o outro — o senhor não sabe que o Velho Testamento é feito de uma série de histórias e tradições que bem poderiam chamar-se folclóricas, e que o Novo Testamento é algo semelhante?

— Veja — replicou o doutor — quando saí de minha estação de origem esta manhã, tomei este itinerário. Não sei quem o preparou

nem de que fonte foram tiradas as informações para o comporem; mas tenho estado a observá-lo durante estas quatro horas, e verifico que a lista dos lugares de parada é exata. Comecei a crer neste itinerário, e agora confio que, assim como foi exato até aqui, poderá sê-lo até chegarmos a Chicago.

O homem que o ouvia ficou muito surpreso e lhe disse que não havia entendido bem. Então o Dr. Meyer explicou da seguinte maneira:

— Este velho Livro tem sido provado por milhões de pessoas, e eu também o tenho posto à prova desde a minha meninice. Tome suas profecias, por exemplo; cumprem-se ao pé da letra. É um itinerário digno de confiança para a peregrinação da humanidade. — *The Christian Digest.*

# Rígor e Dureza

Anísio Chagas

(Pastor do Instituto Adventista Cruzeiro do Sul)

**M**UITOS pensam erradamente que o rigor e a dureza constituem traços positivos no caráter do guia espiritual. Numa sociedade em desagregação, sacudida pelos ventos calamitosos da violência, a imagem do pastor por vezes se apaga e muitos sentem que já não se tem mais respeito para com o guia espiritual. Neste desespero, desgraçadamente muitos, no afã de impor a sua autoridade, escolhem a dureza como divisa pastoral. Será este um bom método? Será que o pastor precisa ser duro, rigoroso, para poder conquistar o respeito da sua comunidade?

Creio que no ministério não há lugar para dureza e sim para muito amor, muita paciência, bondade e cortesia para com as almas infelizes que sofrem as tentações de Satanás. O Pai infinito, de amor e misericórdia, desaprovou peremptoriamente o comportamento pastoral ditado pelos sentimentos e paixões da carne. Assim lemos em Ezequiel 34:4: "A fraca não fortaleceste, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza".

Rigor e dureza é um caminho fácil, a lei do menor esforço, por isso muitos trilham por ele. O caminho da paciência, da bondade, da tolerância é mais áspero, requer mais virtude, mais oração e trabalho.

Quando vejo um jovem ministro começando seu ministério, ufanando-se de ser um pastor duro, inflexível e rigoroso, fico com pena, pois sei que seu ministério será um fracasso. O ditado popular diz: "Duro com duro, não levanta muro". A parede sólida foi erigida com uma argamassa mole que fez a junção dos tijolos. É impossível construir uma igreja sólida e espiritual com a *pá da dureza*.

A juventude passa por uma crise terrível neste século. Diz a Sra. White em "Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes", p. 37: "O primeiro trabalho que há a fazer pelos membros de nossas igrejas, é interessar-se pela nossa juventude; pois ela necessita de bondade, paciência, ternura, regra sobre regra, mandamento sobre mandamento". Infeliz da mocidade que tem a desdita de pertencer a uma igreja onde impera a lei do rigor e da dureza. Está havendo

uma deserção de jovens da igreja para o mundo. Podemos responsabilizar o rigor, a dureza, o farisaísmo por este estado de coisas. Cabe ao ministério amar a juventude com aquele amor que o Mestre tinha para com crianças e jovens.

Somos tentados a pensar que o ministério de nosso Salvador era de dureza para com os pecadores, escribas e fariseus. Conquanto desaprovasse o pecado, tinha Jesus o mais profundo amor para com as almas. Lemos em "Desejado de Todas as Nações", p. 261, que tinha "lágrimas na voz quando emitia suas esmagadoras repreensões". Mesmo pronunciando aqueles "ais" sobre fariseus hipócritas, o Mestre tinha a voz embargada pelas lágrimas, movido de compaixão pela humanidade sofredora.

Que bom seria se cada pastor tivesse também lágrima na voz quando tivesse que advertir a igreja de hoje!

O rebanho que recebemos para cuidar, não é nosso. Nenhuma alma está na igreja por minha causa. Todas pertencem a Cristo. Foram todas compradas por aquele sangue que verteu do Calvário. O rebanho é de Deus. Somos apenas pastores do rebanho do Senhor. Aqui está o que Ele espera de nós:

"Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangidos, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; *nem como dominadores dos que vos foram confiados*, antes tornando-vos modelos do rebanho". I S. Pedro 5:2 e 3.

Não podemos dominar sobre o rebanho de Deus com rigor e dureza. O rebanho é de Deus. Convém enfatizarmos: o rebanho é de Deus. A autoridade, o respeito e a estima do pastor crescem quando ele serve com amor ao rebanho que Deus lhe confiou.

O Senhor das ovelhas porá ponto final no pastoreio daquele que usa de rigor e dureza para com as pobres almas que se debatem num mar de angústias e tentações atrozes. Exclama e pergunta a Divindade:

"Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?" Ezeq. 34:2.

Senhor, ensina-nos a apascentar as tuas ovelhas! ●



# OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



## Castigo dos Ímpios

### Pergunta 42

Que razões bíblicas têm os senhores para ensinar que os ímpios não sofrerão castigo consciente através da eternidade? Como sabem, a maioria das corporações cristãs hoje, crendo ser imortal a alma do homem, ensina que o castigo dos ímpios será consciente tormento no inferno, por toda a eternidade. Queiram dar as razões de sua crença.

**A** ETERNA bem-aventurança para os justos, e castigo eterno para os ímpios, são claramente ensinados nas Escrituras. Que Deus recompense o Seu povo com a vida eterna, e dê justa retribuição aos ímpios por suas más obras, afigura-se à maioria dos homens perfeitamente razoável e equitativo, e em harmonia tanto com o amor como com a justiça de Deus.

Em algumas passagens da Escritura são-nos dados vislumbres da terra gloriosa, e podemos assim, pelo menos até certa medida, formar uma idéia acerca de como será o Céu. Entretanto, por belo e glorioso que o quadro se apresente, é verdade que a realidade será ainda muito superior, pois "as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que O amam". I Cor. 2:9.

O destino dos ímpios é também acentuado em muitos passos da Sagrada Escritura. Haverá, por certo, o castigo, segundo diz a Palavra, e haverá também gradação do castigo. Este, além do mais, não será para corrigir, mas será punitivo e final.

### I. O Castigo Está no Futuro, Não se Processa Agora

Crê-se geralmente que por ocasião da morte os justos vão diretamente para o Céu, e os ímpios prontamente para o inferno, onde são punidos. Existem, porém, pessoas que creêm que os ímpios são nesta vida punidos por seus pecados. Argumentam que, quando um homem é lançado na prisão, ou perece na forca, sofre então a punição de seus pecados. Em certo sentido isto é exato, mas não em sentido amplo. Que ele sofre, não há dúvida, mas esse sofrimento não é primariamente a pena de seus pecados. Sofre nesta vida a pena por seus crimes. O Estado pune-o por infração das leis humanas, mas essa punição é motivada por seus crimes, não seus pecados. Pecado é a infração da lei divina, o Decálogo, os mandamentos de Deus. E Deus será o Juiz, e aplicará o castigo de acordo com a Sua justiça.

É, naturalmente, verdade que nesta vida podem os homens perder a saúde por causa de maus hábitos na maneira de viver. Podem os homens beber licores alcoólicos, e então não só sofrer toda sorte de enfermidades, mas mesmo

morrer prematuramente. Mas essas conseqüências não constituem real punição pelos pecados. São resultados físicos do mau proceder. A punição do pecado, como tal, será executada no final, quando os ímpios estiverem à barra do tribunal de Deus e receberem as justas recompensas por seus atos.

Nem os anjos maus nem os homens estão agora recebendo a punição final por suas transgressões. Essa punição está ainda no futuro. Quando Jesus andou na Terra, um dia os demônios Lhe perguntaram: "Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?" (S. Mat. 8:29). Os anjos maus são "reservados para o juízo" (II S. Ped. 2:4), ou seja "até ao juízo daquele grande dia" (S. Judas 6). Acerca dos ímpios, lemos que Deus os reserva "para o dia de juízo, para serem castigados" (II S. Ped. 2:9).

## II. O que Constitui o Castigo dos Ímpios?

A única segura e fidedigna fonte de informação sobre o assunto, é, naturalmente, a Palavra de Deus. Nenhuma sentença da tradição, dos escritos de autores pagãos, ou mesmo de escritos apócrifos, quer dos hebreus, quer dos cristãos primitivos, expressos em prosa ou em verso, nos deve influenciar nesta questão. A menos que as declarações se baseiem na autorizada Palavra de Deus, não devem para nós ter valor algum. Notemos, pois, algumas das expressões usadas pelo Senhor acerca deste assunto. Lemos que, como final penalidade de suas transgressões, e por haverem rejeitado o Filho de Deus —

1. OS ÍMPIOS MORRERÃO. — Em mais de uma ocasião diz-nos a Palavra que "a alma que pecar, essa morrerá" (Ezeq. 18:4). Mas dirá alguém: "Isto é do Antigo Testamento". Certo; mas não é o Antigo Testamento tanto palavra de Deus como o Novo? Fato é que a mesma verdade é também ensinada no Novo Testamento, pois lemos: "O salário do pecado é a morte" (Rom. 6:23). E neste versículo traça-se um contraste notável. É prometida aos justos a *vida*; aos injustos, a *morte*.

Repetidamente é acentuada a morte como punição dos ímpios. Declara-se que os pecadores "são dignos de morte" (Rom. 1:32); o fim do pecado é a morte (Rom. 6:21); e, "o pecado, sendo consumado, gera a morte" (S. Tia. 1:15). Nos dias da antiguidade, Deus, com amor e misericórdia, pleiteava com Israel mediante Seus servos, os profetas. Vez após vez era Seu apelo: "Por que razão morreríeis, ó casa de Israel? (...) Não tomo prazer na morte do que morre" (Ezeq. 18:31 e 32).

2. OS ÍMPIOS SERÃO DESARRAIGADOS. — Este pensamento é acentuado repetidamente, em especial no Antigo Testamento. O salmista, olhando ao futuro, ao tempo em que o pecado havia de ser abolido, declara: "Os malfetores serão desarraigados" (Sal. 37:9);

e outra vez: "(...) quando os ímpios forem desarraigados" (v. 34). A palavra "desarraigado", ou "exterminado" é em geral *karath*, no hebraico. É palavra forte, várias vezes traduzida por "fazer perecer", como em Ezeq. 28:16.

3. OS ÍMPIOS PERECERÃO. — Esta expressão é usada repetidamente em relação com a destruição das hostes ímpias. A palavra "perecer" é traduzida do hebraico *abad*, e quer dizer "desarraigar" ou "exterminar". É observada nos textos seguintes: "Os ímpios *perecerão*" (Sal. 37:20); "(...) *perçam* os ímpios diante de Deus" (Sal. 68:2). Outra expressão significativa ocorre no Sal. 37:10, onde se lê: "O ímpio *não existirá*". Isto é uma expressão paralela com a de nosso Senhor, no Novo Testamento, de que "todo aquele que nEle crê não pereça" (S. João 3:16).

4. OS ÍMPIOS SERÃO QUEIMADOS. — Esta é também uma expressão forte, empregada em muitas ocasiões. Malaquias refere-se ao dia em que os ímpios hão de ser queimados (Mal. 4:1). Mateus fala em serem atados em molhos para "queimar" (S. Mat. 13:30), e menciona também que "o joio é colhido e queimado no fogo" (V. 40). Pedro declara que "a Terra, e as obras que nela há, se queimarão" (II S. Ped. 3:10). Lemos ser o destino final dos injustos o "lago de fogo" (Apoc. 15:20), e a isto o revelador chama "a segunda morte" (Apoc. 21:8).

5. OS ÍMPIOS SERÃO DESTRUÍDOS. — Este pensamento ocorre em vários exemplos. "Todos os ímpios serão destruídos" (Sal. 145:20). Anjos maus um dia declararam, na presença de Jesus: "Vieste destruir-nos?" (S. Mar. 1:24). Outra vez: Os que não obedecem "padeirão eterna perdição" (II Tess. 1:9); e o próprio diabo, que introduziu em nosso belo mundo a iniquidade, será destruído (Heb. 2:14).

Dir-se-ia que algumas das expressões mais fortes foram usadas pelos autores sagrados para acentuar a sorte dos ímpios. Eles não só queimarão (*kaio*, no grego) (Apoc. 19:20; 21:8), mas serão consumidos pelo fogo (*katakaio*, no grego) (II S. Ped. 3:10; S. Mat. 3:12). Não só serão destruídos, *apollumi* (S. Mat. 21:41; S. Mar. 1:24), mas completamente destruídos, *exolothreuo* (Atos 3:23). Não simplesmente desaparecerão, *tamam* (Sal. 104:35) e serão *aniquilados*, *kalah*, (Sal. 37:20), mas serão "totalmente consumidos" (Sal. 73:19).

## III. Figuras e Símbolos que Ilustram a Sorte dos Ímpios

Não só em linguagem clara e simples revela o Senhor ao homem o destino dos injustos, mas procura impressionar-nos com esta verdade em ilustrações familiares, em figuras de linguagem e símiles vários. Notemos:



1. OS ÍMPIOS SÃO COMPARADOS A MATERIAL COMBUSTIVEL. — O salmista assemelha os ímpios a algo que ele viu repetidamente no templo daqueles dias: "Os inimigos do Senhor serão como a gordura dos cordeiros" (Sal. 37:20). Mais, os ímpios são comparados à "moinha que o vento espalha" (Sal. 1:4). Isaías diz que "um tufão como praga os levará" (Isa. 40:24). E Malaquias também declarou que "aquele dia (...) serão como palha" (Mal. 4:1).

2. A SUBVERSÃO DE SODOMA E GOMORRA É SÍMBOLO DA DESTRUIÇÃO DOS ÍMPIOS. — A sorte de Sodoma e Gomorra, nos dias da antiguidade, é vivamente descrita no registo bíblico. Lemos que foram subvertidas (Deut. 29:23; Isa. 13:19), e que as cidades foram destruídas (Gên. 19:29). A destruição foi completa, pois lemos que o fogo "os consumiu a todos" (S. Luc. 17:29).

O castigo aplicado a Sodoma e Gomorra não foi de longa duração, pois lemos que a subversão foi "num momento" (Lam. 4:6). Mais, outro autor bíblico nos diz até que ponto foram destruídas: foram reduzidas "a cinza" (II S. Ped. 2:6). E Pedro declara mais que isso foi "um exemplo aos que vissem impiamente". S. Judas acrescenta uma expressão notável, que indica que a destruição não só foi completa, mas foi "a pena do fogo eterno" (S. Judas 7). Isto não pode ter significado fogo a arder eternamente, pois aquelas cidades não ardem mais hoje. O fogo seria, sim, de resultados eternos.

#### IV. Sentido do Termo "Eterno"

Esta palavra não é empregada no Antigo Testamento em relação ao destino dos ímpios; encontra-se, porém, no Novo Testamento, nos textos seguintes: "Apartai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno" (S. Mat. 25:41); e "irão estes para o tormento eterno" (S. Mat. 25:46); "padeirão eterna perdição" (II Tess. 1:9); "será réu do eterno juízo" (S. Mar. 3:29); "sofrendo a pena do fogo eterno" (S. Jud. 7). Em todos os casos, a palavra em grego é *aionios*.

Em vista disso, poder-se-ia observar que, se "vida eterna" se refere a todo o sempre, não será o "castigo eterno" da mesma duração, já que se usa a mesma palavra grega, em ambos os casos? Perfeitamente! A vida eterna continuará através dos séculos intermínios da eternidade; e o castigo será também eterno — não duração eterna de sofrimento consciente, mas castigo completo e final. O fim dos que assim sofrem é a segunda morte. Esta morte será eterna, e dela não haverá, nem poderá haver ressurreição.

Que isto é assim, vê-se do uso da palavra "eterno" em outros casos. Lê-se de uma eterna redenção (Heb. 9:12) e de um juízo eterno (Heb. 6:2). Certo, não quer isto dizer que a redenção se processe através de toda a eterni-

dade, ou que o juízo seja uma obra interminável. Não! A obra da redenção é completa e eterna em seus resultados. O mesmo é verdade quanto ao juízo. O mesmo princípio aplica-se ao "eterno juízo" (S. Mar. 3:29), ao "fogo eterno" (S. Judas 7), ao "tormento eterno" (S. Mat. 25:46).

Repitamos: Na expressão "tormento eterno", justamente como em "eterna redenção" e "juízo eterno", a Bíblia se refere a toda a eternidade — não como *processo*, mas como *resultado*. Não será um eterno processo de punição, mas uma punição eficiente, que será final e para sempre (*aionios*).\*

#### V. As Expressões "Para Sempre" e "Para Todo o Sempre"

Estas expressões encontram-se muitas vezes nas Escrituras Sagradas. No Antigo Testamento elas provêm principalmente do hebraico *olam*, que muitas vezes é traduzida pela palavra *eterno*. Tem, porém, vários outros sentidos, como "tempo antigo", "velho tempo", "princípio do mundo", etc.

Outra expressão hebraica é *netsach* ("para sempre"), e *lenetsach netsachim* ("para sempre e sempre"). *Netsach* é traduzido por vários termos, como "sempre", "para sempre", "constantemente", "eternamente", "perpetuamente".

No Novo Testamento, as palavras "para sempre" etc., provieram do grego *eis tous aionas ton aionion*, literalmente "para os séculos dos séculos", e é uniformemente traduzido por "para sempre e sempre".

É preciso reconhecer que essas expressões são por vezes usadas com sentido limitado, e a única maneira de compreendê-las é observando o contexto. Se se aplicam a Deus, como se dá em muitos casos, o sentido é óbvio; mas se ao homem, só se podem aplicar ao *espaço de tempo em que ele vive*. Por outras palavras, o termo tem de ser compreendido de acordo com o objeto ao qual se aplica. Que isto é reconhecido pelos doutos, vê-se nos comentários seguintes, sobre a palavra hebraica *olam*:

\* Homens doutos, estudando o sentido das palavras gregas *aion* e *aionios*, dizem: "A palavra *aion* pode referir-se ao prazo de vida de um homem, como quando Paulo pensa em 'nunca mais' comer carne (I Cor. 8:13). — Alan Richardson, *A Theological Word Book of the Bible*, 1950, art. "Time," pág. 266.

"Descreve duração ... não intermínua." — W. E. Vine, *Dictionary of New Testament Words*, sobre "Eterno."

Na maioria das vezes se refere a um tempo futuro, de tal maneira que aquilo que se chama o *terminus ad quem*, sempre é definido de acordo com a natureza da coisa em si. Quando aplicado a negócios humanos, e especialmente... a indivíduos, comumente significa *todos os dias da vida*. Gesênio, sobre *Olam*, em *Hebrew and chaldee Lexicon of the Old Testament Scriptures* (1846), S.P. Tregelles, tradutor.

*Para sempre*, isto é, até ao fim da vida. Ver "para sempre" em I Sam. 1:22, e especialmente na expressão "servo para sempre," 27:12; Jó 41:4. — *Cambridge Bible*, sobre Exo. 21:6.

A limitação no emprego desses termos ver-

se-á pelo seguinte: A Páscoa devia ser celebrada *por estatuto perpétuo* (Êxo. 12:17); o escravo devia servir ao seu senhor *para sempre* (Êxo. 21:6); o menino Samuel devia ficar no tabernáculo *para sempre* (I Sam. 1:22); Jonas ficar no ventre do peixe *para sempre* (Jonas 2:6); e a lepra se pegaria a Geazi *para sempre* (II Reis 5:27).

Bem comenta Clarke:

Alguns têm pensado que, devido à maldição do profeta: *A lepra de Naamá se pegará a ti e à tua semente para sempre*, haja pessoas ainda vivas que sejam descendentes verdadeiros desse homem, e que sofram desse mal terrível. O Sr. Maundrell, quando esteve na Judéia, fez diligentes indagações neste sentido, mas não pôde verificar a verdade dessa suposição. Para mim parece absurda. A denúncia confirmou-se na posteridade de Geazi, até que esta se extinguiu, e sob a influência da lepra isso havia de realizar-se logo. A expressão *para sempre* quer dizer pelo tempo em que existisse qualquer membro de sua posteridade. Este é o sentido da palavra *leolam*. Abrange toda a extensão da duração do objeto ao qual se aplica. O *para sempre* de Geazi estendeu-se até ao tempo de extinguir-se sua posteridade.

Sabemos que a mesma limitação de sentido se aplica igualmente no Novo Testamento, com referência às palavras *aion* e *aionios*: Filemom foi aconselhado a receber Onésimo “para sempre” (Filemom 15).

O Apocalipse também declara, acerca de Babilônia, que “o fumo dela sobe *para todo o sempre*” (Apoc. 19:3); que os ímpios “dia e noite serão atormentados *para todo o sempre*” (Apoc. 20:10); e que “o fumo do seu tormento sobe *para todo o sempre*” (Apoc. 14:11). São fortes estas expressões, e só podem ser entendidas devidamente à luz do emprego bíblico. Boa ilustração disso aparece em Isa. 34:8-10:

Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuição pela causa de Sião. Os ribeiros de Edom se transformarão em piche, e o seu pó em enxofre; a sua terra se tornará em piche ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; subirá para sempre a sua fumaça; de geração em geração será assolada, e para todo o sempre ninguém passará por ela.

Isto teve sua aplicação local naqueles dias distantes; e sem dúvida terá segunda aplicação na grande conflagração dos últimos dias. Mas pensemos em sua aplicação nos dias de Israel. Que quadro de destruição total: enxofre e piche ardente, a queimar tão violentamente que ninguém seria capaz de extinguir o fogo! O fumo a ascender *para sempre*, como diz o registo divino. Note-se, porém, que esse fogo inextinguível terminou em ermo e desolação. Quem afirmaria que o fogo arde ainda? O que aí se vê é um quadro de absoluta e completa destruição. Assim será no dia do juízo executivo, quando os ímpios forem destruídos. Serão “destruídos para sempre” (Sal. 92:7).

## VI. Razões Para Rejeitar a Doutrina do Tormento Eterno

Rejeitamos a doutrina do tormento eterno pelas seguintes razões principais:

1. Porque a vida eterna é dom de Deus (Rom. 6:23). Os ímpios não a possuem — eles não verão a vida (S. João 3:36); “nenhum homicida tem permanente nele a vida eterna” (I S. João 3:15).

2. Porque o tormento eterno perpetuaria e imortalizaria o pecado, o sofrimento e a miséria, contradizendo, cremos, a revelação divina, que prevê o tempo em que essas coisas não existirão mais (Apoc. 21:4).

3. Porque nos parece que provê um lugar maculado no Universo de Deus, por toda a eternidade, indicando ser impossível ao próprio Deus, aboli-lo.

4. Porque a nosso ver, apoucaria o atributo de amor visto no caráter de Deus, e implica no conceito do ódio que jamais se aplaca.

5. Porque as Escrituras ensinam que a obra expiatória de Cristo é “aniquilar o pecado” (Heb. 9:26) — primeiro do indivíduo, e afinal no Universo. A fruição plena da obra sacrificial e expiatória de Cristo se verificará não só num povo redimido, mas também num céu e Terra restaurados (Efés. 1:14). ●

## A Mensagem de Uma...

(Continuação da pág. 6)

na revista “O Ministério”. Para lá encaminharei, por estar preocupado que a Obra do Senhor esteja sendo prejudicada pela falta de atenção desta verdade tão importante como a própria mensagem angélica. Em minha igreja, ao lado do pastor, temos procurado instruir o povo nesse aspecto. Crê o prezado pastor, que o evangelho será pregado ao mundo enquanto não tomarmos uma medida de reforma total a este respeito? Pelo que pude alcançar da pena da inspiração, pessoalmente não posso crer.

Espero ser compreendido. Estou me dirigindo a homens de Deus. Não tenho a menor intenção de apontar o dedo para quem quer que seja. A mensagem não é minha. Se a redação achar por bem suprimir a autoria, preferirei. Se for necessária a identificação, estarei pronto para fazê-lo, esperando da parte de todos a compreensão que o caso requer.

Aos meus caros pastores que não necessitam da leitura desta mensagem, meus respeitos. Eu os estimo tanto quanto aos demais. Peço a Deus a bênção celestial sobre esta publicação. Muito obrigado.

— Do vosso servidor.



# Podemos Demonstrar Nossa Fé a um Cético?

Alberto Treilzer

Professor de Filosofia, Licenciado em Teologia e Pastor Associado da Igreja Central de Montevideo

## I. Introdução

**H**Á os que se sentem tão felizes e orgulhosos com sua fé que pensam ter a resposta para todas as interrogações. Como crêem estar com a verdade, ocorre-lhes talvez que tenham condições de tudo explicar e até derrotar a qualquer adversário, não importa sua ideologia ou posição. E na verdade, a doutrina bíblica é uma doutrina sólida. Na Palavra de Deus pode-se encontrar a resposta a todas as interrogações que necessitem ser respondidas. Contudo às vezes passa-se por alto nesta análise a um aspecto vital do qual partem todas as demais diferenças para com aqueles que não possuem fé. Se não fosse olvidado, poder-se-ia ir ao fundo do problema sem necessidade de envolver-se em discussões e rodeios. E poder-se-ia também compreender melhor o quanto se depende de Deus para crer, pois a fé é um dom que recebemos de Deus, não por alguma faculdade especial do homem, mas por graça divina.

O terreno natural ao qual se costuma levar o crente por parte de um cético é a um tempo racional e teórico. Muitos pensam que nesse terreno se utiliza um critério científico, mas como cristãos podemos pôr em dúvida quanto de científico ou racional resulta dessa maneira de enfocar as coisas, e o máximo que podemos alcançar é um ponto zero. Podemos extremar o ceticismo de nosso antagonista e levá-lo a uma total incerteza, depois de chegar a admitir que até para as coisas mais simples necessitamos de fé, mesmo para a assim chamada maneira científica de analisar as coisas. Sem embargo, o máximo que se pode alcançar com este sistema, se é que não se tenha entrado numa controvérsia, é demonstrar quão insuficiente e miserável vem a ser a razão humana, destituída de outro elemento superior. E na realidade, quando tomamos a razão como ponto de apoio único e exclusivo, ficamos com a impressão de que esta flutua sobre o nada.

## II. Um Deus Inútil

Ainda assim há os crentes, os quais pensam que podem demonstrar a existência de Deus. Apoiados em Rom. 1:20 e outros textos, mostram a Natureza, os céus, a ordem do Universo e a conseqüente lógica de uma ordenação universal a que chamam Deus. Deste modo uma grande porcentagem de cristãos até consideram irracionais os que se crêem racionais em seu ceticismo. Mas se fizermos uma análise honesta, estes argumentos em geral não só não convertem a ninguém, mas chegam a congelar mais ainda o incrédulo em sua posição. Podem plantar-se interrogações de índole racional desta forma, mas dificilmente um cético irá querer aceitar um Deus pessoal por estes meios. Muitos ateus quando muito chegam a admitir um princípio primário incompreensível, no transcurso de um diálogo. Vale dizer, a existência de um motor estacionário que faz que todos os demais motores se movimentem. Mas todo aspecto pessoal se lhes resulta inconcebível. Os arrazoados desta classe não favorecem, na verdade, o caminho ao Deus pessoal da Bíblia. Por este mesmo caminho muita gente tem acabado por endeusar a Natureza acima do Criador.<sup>1</sup>

Este Deus intelectual acaba por ser na prática um jogo da razão para encher um vazio que lhe infere um teorema. É um Deus de quadronegro, desenhado em branco e preto. É um Deus abstrato, concebido por nossa mente, mas impotente para agir, um Deus inútil e desnaturalizado, ao qual se cortaram os braços e ao qual a miúdo se tem confundido com a Natureza. Daí a acusação ao panteísmo de ser um ateísmo disfarçado. Quando permitimos que se nos leve para este terreno mediante discussões filosóficas, o que fazemos em grande medida é fundamentar esta posição. Dificilmente podemos tirar nosso ouvinte desta linha de raciocínio. As armas que utilizamos não dão para mais. Já o disse Paulo: "Na sabedoria de Deus, o mundo não O conheceu".<sup>3</sup>

### III. Deus Se Demonstra ou Se Revela?

O problema de Deus encarado desta maneira especulativa começou com os antigos filósofos gregos, e entrou no cristianismo com a maior força por intermédio de Tomás de Aquino, monge dominicano da idade medieval, admirador de Aristóteles. Tomás dizia que pela fé Deus Se nos revela, e que pela razão O demonstramos. Disse ainda que esta última via é suficiente para chegar-se ao conhecimento de Deus, embora admitisse que o conhecimento que se obtém pela revelação é mais completo.<sup>4</sup> Com base neste princípio, verteu o seu pensamento num estilo silogístico, tentando tirar conclusões de diferentes problemas na base de premissas em geral aceitáveis. Claro que ele não sabia que este princípio levado às últimas conseqüências iria parar num racionalismo insípido, que tiraria pela borda toda idéia de Deus. As conclusões a que se chegaram posteriormente foram então muito diferentes das suas. Alguns séculos depois, mediante o racionalismo procurou-se solapar todo fundamento da fé, e isto culminou com o completo en Deusamento da razão.

Descartes, iniciador da filosofia moderna, procurou encontrar um ponto de apoio para a razão, descartando a fé. Não negou a fé, mas como ocorreu com Tomás, pensou que poderia prescindir dela. Deste modo a filosofia começou girar nos séculos subseqüentes em torno do valor, alcance e fundamento da razão. Descartes alegou que ninguém poderia negar o fato do pensamento, e que este fato demonstrava a existência. Em seu afã de encontrar um ponto de partida mais sólido para sua filosofia, valeu-se da razão para chegar a conclusão de que ninguém lhe podia negar que era um ser pensante. Mas como ele mesmo teve de admitir, embora parcialmente, não podia ir muito além de figuras geométricas e linhas vazias. Contudo tentou também demonstrar a existência de Deus, embora o seu procedimento nunca satisfizesse a todos. A partir daí empiristas e idealistas continuaram debatendo para saber de onde a razão obtinha o conhecimento, se da experiênci a ou de si mesma.

Embora hajam-se passado vários séculos e se vejam ainda hoje os seus efeitos fortemente arraigados, nota-se em muitas correntes filosóficas atuais um cansaço por estas linhas abstratas de pensamento. Muitas correntes dão antes por assentado a existência deste veículo natural pelo qual pensamos, e lhe assinalam um fim utilitário que o comum do povo costuma aceitar quase como dogmático. Deixam este aspecto sem resolver ou como resolvido, e analisam toda outra ideologia de acordo com os fins que perseguem. Esta linha de pensamento tampouco é mais favorável na verdade ao caminho para o Deus

peçoal bíblico. Não é só que para assuntos de religião em geral mantém o esquema racional ateu em pé, mas seus fins diferem essencialmente de nossa fé em que se centraliza tudo no homem, e descartam igualmente a fé em Deus. Não lutam pela glória de Deus, mas pela glória do homem, e distante dEle só conseguem miséria e ruína. Não se esforçam por uma coroa incorruptível, mas por uma que perece. Os fins destas correntes, de um ao outro extremo, continuam procurando de uma ou de outra forma o en Deusamento do homem. O problema continua sendo o mesmo: ceticismo pelas coisas de Deus.

Em geral, os reformadores puseram de lado este conceito de razão suficiente. Calvino, talvez o mais agudo dos reformadores, previu algo de tudo isto. Disse que é em vão que a criação exhiba tantos luzeiros acesos para demonstrar a glória do seu Autor. São totalmente insuficientes para conduzir à senda correta. Admitiu que lançam algumas chispas de luz, mas acrescentou que são apagadas antes que possam proporcionar brilho mais refulgente. Conquanto a divindade esteja representada na Natureza, disse que nossos olhos não o percebem, a menos que sejam iluminados por Deus mediante a fé.

Ellen G. White também declara a impossibilidade de conhecer a Deus mediante a razão humana somente. E na realidade, não podemos demonstrar a um cético nossa fé, visto que demonstrando-a a fazemos desnecessária. "Os mais profundos estudantes da ciência são contrangidos a reconhecer na Natureza a operação de um poder infinito. Ora, para a razão humana, destituída de auxílio, o ensino da Natureza não poderá deixar de ser senão contraditório e enganador. Unicamente à luz da revelação poderá ele ser interpretado corretamente. 'Pela fé entendemos'".<sup>6</sup>

Se considerarmos a Palavra de Deus, veremos que a Bíblia tampouco argumenta desta maneira. Não procura demonstrar a existência de Deus, senão que a dá por decidida, e se entrega à tarefa de guiar o homem a um conhecimento direto e pessoal dEle. E mais, adverte contra esta maneira de discutir. Paulo aconselhou a Timóteo que exortasse a não contenderem sobre palavras que para nada aproveitavam, e que resultavam em perdição dos ouvintes, levando cada vez a maior impiedade.<sup>7</sup> Em sua primeira carta ele havia já advertido que "se alguém ensina outra coisa, e não se conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamação, suspeitas malignas", etc.<sup>8</sup>



Aos efésios ele escreveu: "Não mais andeis como também andam os gentios, *na vaidade dos seus próprios pensamentos*, obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem".<sup>9</sup> E aos colossenses: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs subtilidades (...) conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo".<sup>10</sup>

#### IV. Qual É o Problema?

A raiz do problema está em que nossa fé não se baseia na razão, mas que esta é um veículo que deve ser guiado pela revelação que Deus nos dá de Si mediante a fé. Vez após vez, com tristeza de alma se tem visto quão inútil é convencer ou ganhar alguém discutindo



intelectualmente sobre quão racional é uma posição ou outra. Os que se apóiam na "vaidade dos seus próprios pensamentos", para não crer, não podem ver diferente, porque não estão possuídos de um poder superior que lhes abra os olhos. A nós outros, que temos visto e ouvido, custa-nos entender como é que eles não podem ver. Mas se é certo que não há pior cego do que o que não quer ver, há também os que não podem ver. Nossa fé não se baseia na razão, não se fundamenta em lucubrações abstratas ou "científicas", mas em evidências sustentadas pelo Espírito de Deus. Daí o tremendo abismo que há entre um incrédulo e um religioso. Se o Espírito Santo não realiza o milagre da conversão, que poderá nossa argumentação fazer? "O que não nasceu de novo *não pode ver* o reino de Deus".<sup>11</sup>

É fora de dúvida que até mesmo entre os crentes deve haver um novo nascimento para maior compreensão. Mas isto é mais verdade em relação a um cético. Cristo e os apóstolos reconheceram este abismo de diferença. "O que é nascido da carne", disse Jesus, "é carne; e o que é nascido do Espírito, é Espírito".<sup>12</sup> Nosso Senhor viu que era inútil demonstrar a Nicodemos o que lhe falava, visto que até entre os maiores sinais que realizara, o único vínculo que poderia levá-lo ao conhecimento pleno do reino de Deus era a fé. "Se tratando de coisas terrenas não me credes, como creéis, se vos falar das celestiais?"<sup>13</sup> Em outras palavras, o que não tem o dom da fé, não pode ir além das coisas tangíveis deste mundo.

Nossa fé é algo de vivência. O fundamento de nossa fé se encontra na experiência vivificada pelo Espírito Santo e alimentada pela Palavra de Deus. De modo que tudo que podemos fazer ante um cético é dar um testemunho desta experiência. A este testemunho Paulo chamou "a loucura da pregação". Não temos por que nos deixar levar por "filosofias" e "vãs subtilidades". Podemos manter-nos em um terreno mais seguro. Assim se manteve Cristo quando disse a Nicodemos: "Nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto"; mas acrescentou: "Contudo não aceitais o nosso testemunho".<sup>14</sup>

Paulo se encontrava nesta mesma situação em suas pregações. "O mundo não conheceu a Deus mediante a sabedoria", escreveu aos coríntios, "porque os judeus pedem sinal e os gregos buscam sabedoria, mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus".<sup>15</sup>

As interrogações que os gregos antigos faziam aos crentes, como as de hoje em dia, foram respondidas desse modo pelo mais erudito dos apóstolos. Judeus e gregos de diferentes modos mostravam incredulidade. E para mostrar como deviam proceder os cristãos coríntios, recordou-lhes como havia ele feito quando lhes levou o evangelho. Não se dirigiu a eles argumentando silogisticamente. “Quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem, ou de sabedoria”, disse. “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado (...), para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim, no poder de Deus”.<sup>16</sup>

Os judeus, demonstrando incredulidade, também haviam pedido sinal a Cristo. “Esses sinais não eram, todavia, aquilo de que os judeus necessitavam. Nenhuma prova meramente externa lhes poderia aproveitar. O que precisavam, não era iluminação intelectual, mas renovação espiritual. (...) Na pregação da Palavra de Deus, o sinal que se devia manifestar então e sempre, é a presença do Espírito Santo a fim de tornar a palavra uma força regeneradora para os que a ouvem. Esta é a testemunha de Deus perante o mundo, quanto à divina missão de Seu Filho”.<sup>17</sup>

Se nos rebaixamos a argumentar racionalmente, estamos perdendo o tempo. “O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhes parecem loucura, e não as pode entender, porque se discernem espiritualmente”.<sup>18</sup> Não é questão de ganhar um debate nem de demonstrar quão bem fundamentados estamos racionalmente, embora às vezes não seja mau demonstrar que não somos irracionais. Paulo dizia isto por experiência própria, e estes argumentos dão apoio a nossa fé: “E alguns dos filósofos epicureus e estoicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela?” E quando quis levá-los daí para um terreno de fé, zombaram, dizendo: “A respeito disto, te ouviremos noutra ocasião”.<sup>19</sup>

## V. Conclusão

Que podemos, pois, fazer com alguém que não tem fé nem crê em Deus, e contudo nos pergunta como é que podemos crer? Podemos dizer, naturalmente, que é por experiência pessoal. Mas, nos perguntam em que consiste essa experiência, qual o testemunho que estaremos em condições de dar? Não correremos o risco de passar por “tagarelas?” Se realmente temos nossa experiência em dia, não nos faltarão as palavras para dar um verdadeiro testemunho de nossa fé. Um testemunho vivo é o que mais confunde a um cético, e o que melhor responde a interrogações. São raros os indivíduos

que despertam para a fé por interrogações que alguém lhes inspire como resposta ou argumentos, se é que chegam a inspirar-se. Tais pessoas quase não existem. Sim, é fora de dúvida que não há nada mais eficaz para avivar as consciências do que o testemunho vivo do Espírito de Deus.

Só quando carecemos desta experiência viva com Deus, conseguimos justificar nossa fé mediante argumentos filosóficos ou científicos. Muitos destes argumentos não são maus. A uma alma predisposta para a fé, mas que se encontra confundida pelas interrogações que lhe sugere um mundo cético, tais argumentos podem ajudar alguma coisa. Contudo, nunca constituirá o caminho para Deus o conhecimento adquirido totalmente às expensas da revelação que Deus mesmo nos tenha dado.

Quanto de nós estamos em condições de trazer uma alma incrédula, para que venha e veja, como Filipe trouxe a Natanael? Quanto podemos com toda confiança, trazê-los a um lugar à parte e apresentar-lhes a Deus com humildade, para que Deus lhes revele o Seu poder? E se nem ainda testemunhando ou orando conseguimos que o reino de Deus se abra aos céuticos, que mais podemos fazer? Seremos por eles menoscabado em nossa fé? Acaso nossa fé se baseia na aceitação ou não aceitação de outros? Graças a Deus pela obra silenciosa de Seu Espírito. “Assim é que não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que tem misericórdia”.<sup>20</sup> A fé não é um dom nosso, mas de Deus. Ele é o “Autor de nossa fé”. Ele no-la outorga mediante a terceira Pessoa da divindade. E essa fé que todos podem receber mediante o assentimento ao chamado do Espírito de Deus, só pode ser mantida mediante a aceitação humilde da disciplina de Deus. ●

1. Ver Test. Seletos, Vol. 3, pp. 259 e 260.

2. Id. p. 270.

3. I Cor. 1:21.

4. Ver *Historia de la Iglesia Cristiana*, de Willinston Walker, p. 271.

5. Institutes, p. 62.

6. Educação, pp. 133 e 134.

7. II Tim. 2:14 e 16.

8. I Tim. 6:3 e 4.

9. Efés. 4:17 e 18.

10. Col. 2:8.

11. S. João 3:3.

12. S. João 12:6.

13. S. João 12:12.

14. S. João 12:11.

15. I Cor. 1:21-24.

16. I Cor. 2:1, 4 e 5.

17. O Desejado de Todas as Nações, pp. 304 e 305.

18. I Cor. 2:14.

19. Atos 17:18 e 32.

20. Rom. 9:16.



# RESPOSTA DE UM PASTOR

**E**SCREVEMOS a um pastor pedindo que resumisse as razões pelas quais lhe havia sido possível o aumento tão notável de batismos que havia experimentado seu distrito. Sua resposta é simples, não fala de razões nem de coisas extraordinárias. Antes, revela ser ele um pastor preocupado em levar à prática aquelas pequenas coisas que todos conhecemos, porém que nem sempre praticamos.

São cinco os aspectos mencionados brevemente. Copiamos textualmente.

1. *“Um obreiro de capacidade acima do normal* — Encontramos um obreiro aposentado, irmão Elias Silva, de grande experiência na obra da colportagem, que era ancião de uma igreja. Ele passou à obra bíblica e trabalhou, apesar da idade avançada, com um empenho nunca visto, além de enfrentar difíceis problemas de família, dedicou uma média de nove horas de trabalho diário, ininterrupto. Tendo uma grande habilidade de lidar com pessoas, foi realmente o *ponto-chave* dos resultados”.

2. *“Uma extraordinária equipe de leigos* — Encontramos um talentoso grupo de irmãos que se empenhou no evangelismo. Diante de tais circunstâncias locais e estando o quadro de oficiais já preenchido, criamos a função de ‘Ancião Evangelista’. Demos um alvo para cada um, cedemos *slides*, preparamos cartazes, e eles trabalharam entusiasticamente. Uma igreja possuía três projetores. Os irmãos locais trabalharam em determinadas áreas e cerca de 80 pessoas foram ali batizadas. Um grupo de jovens formou uma equipe da Voz da Mocidade. Um programa no rádio, dos jovens, e mais outros três, deram apoio às campanhas. As semanas evangelísticas previstas foram executadas.

3. *“Classes especiais de treinamento para leigos* — Foi intensificado o preparo para o trabalho, e não titubeamos em usar algumas vezes os minutos do culto para preparar a igreja. Às sextas-feiras à noite tínhamos uma classe, e sábado à tarde outra, e domingo pela manhã uma terceira.

“O nosso maior problema aqui é gente preparada. Transformamos a igreja em uma ‘escola’. Uma classe domingo à tarde das 14 às 16:30 h prepara vinte instrutores bíblicos. Estou usando um método objetivo e exigindo memorização de passagens bíblicas. O ânimo da classe é grande. Nas demais igrejas estou com a mesma classe antes da conferência que realizo (quinta à noite em Beberibe, sexta à noite em Abreu e Lima). Uma outra classe inicia-se às

18:30 e vai até 19:50. Enquanto isso um filme é passado para o público que chega. Um ancião nosso, judeu convertido, aceitou convite que lhe fiz para ensinar hebraico aos irmãos. Dezoito, na maioria jovens universitários e pré-universitários, e alguns oficiais da igreja, estão fazendo este curso. Está sendo dado intensivamente, durante julho. Uma professora universitária, membro de nossa igreja, aceitou o convite para dar um curso sobre criacionismo e evolucionismo.

Todas as quartas-feiras e dois sábados por mês, estou dando a toda a igreja Estudos em Daniel. Todas as aulas acima são mimeografadas; todos os alunos recebem pastas e testes e trabalhos para casa. O entusiasmo é grande.

Desculpe-me se estou sendo prolixo, mas eu creio no treinamento. Os governos do mundo, as empresas, as organizações, investem somas fabulosas em treinamento. Por quê? Fiz uma análise do treinamento na nossa igreja e concluí: Devemos criar um departamento para isto ou fazer com que o departamento de atividades leigas não seja apenas motivador, mas que passe a formar equipes de treinamento mais sólido. Concluí que estudamos na FAT muitas coisas importantes que o leigo não sabe, e sub-estimamos a capacidade dele para aprender. Bom, a experiência está sendo feita aqui. Aguardamos os resultados.”

4. *“Um relativo número de juvenis filhos de adventistas foi levado ao batismo* — Cerca de 40% dos batizados foram juvenis e jovens”.

5. *“Os assuntos dos cultos de oração* — foram doutrinários, e, conseqüentemente, evangelísticos. Passamos a pregar todas as noites, exceto sexta e segunda-feira. Mudamos os dias de culto de oração. Pregamos dois sermões no sábado; um às 9 horas e outro às 10:30 em igrejas diferentes. O trabalho foi acelerado, no que concerne à parte humana. Deus trouxe os resultados”.

Por razões óbvias, não há uma só menção ao trabalho que ele mesmo como pastor realizou. Contudo, sabemos que por trás dessa “extraordinária equipe de leigos”, desse “obreiro de capacidade acima do normal” e de outros fatores, está o pastor local, alma e cérebro de tudo quanto ali se realiza. Não há dúvida de que o elemento-chave na igreja é o pastor. Pastor organizado, trabalhador, consagrado, carinhoso com sua grei, terá a cooperação de todos. Essa cooperação e boa vontade se traduzirá em vigor, unidade e atividades. E tudo isso redundará em alvos alcançados e superados. — R. P. ●

# Consoladores

H. J. Peverini

Secretário-Conselheiro da Divisão Sul-Americana

**C**ONSOLAR os tristes, inspirar confiança e ânimo aos abatidos e serenidade e esperança aos angustiados, eis uma parte essencial e urgente do ministério evangélico, de pastores e leigos, em horas de crescente dor e angústia.

Há ao redor de nós homens e mulheres que sofrem. Choram a morte de seres amados. Sentem-se sós. Portam enfermidades incuráveis ou esgotadoras, ou as observam em seus familiares, penalizados. Lutam com a pobreza. Não possuem suficiente pão nem abrigo para os filhos. Ou mortificados por um sentimento de frustração ou de culpa, enfrentam a vida como uma decepção mais do que como uma oportunidade. E não poucos consideram a morte como uma libertação.

Com o sentido social da vida, com interesse e esperança na prosperidade das nações e no bem-estar dos povos, muitos homens de bem arrostam desilusões e sofrem quebrantamento do coração.

É verdade que a ciência e a técnica provêem cada vez mais e melhores recursos para a comunidade e bem-estar da humanidade. A cultura, a indústria, o comércio, tudo pareceria augurar um crescente progresso de nossa civilização. Mas a estabilidade das nações está cada vez mais comprometida. O mundo continua enfermo. As enfermidades que determinaram a queda das civilizações e dos impérios que floresceram no passado se generalizam e se agravam aceleradamente em nossos dias.

A responsabilidade moral está em crise. A veracidade, a honestidade, a justiça, a lealdade aos princípios, ao próximo, às instituições e a Deus, são sacrificadas no altar da ambição, da sensualidade e do prazer; no altar de um falso conceito de justiça, de independência e liberdade do egoísmo em todas as suas formas. E homens e nações marcham para a ruína.

Em face da apostasia e da ruína iminente de seu povo, Jeremias exclamava, como homem público de humana sensibilidade: "Estou quebrantado pela ferida da filha do meu povo". Jer. 8:21. "Ah! meu coração! meu coração! Eu me contorço em dores". Jer. 4:19. Lamentava a decadência do Egito, então uma grande nação, com as palavras: "Debalde multiplicas remédios, pois não há remédio para curar-te". Jer. 46:11. E da grande Babilônia declarou profeticamente: "Repentinamente caiu Babilônia, e ficou arruinada". Jer. 51:8. Qual seria sua dor ou exclamação em nossos dias, em face da enfermidade moral de homens e nações e a próxima destruição dos impenitentes?





Quão grande é a necessidade atual de verdadeiros consoladores! Os tristes e sofridos necessitam mais do que resignação. Necessitam do bálsamo da saúde e da esperança. O remédio de seus males e sofrimentos para cura imediata, e a certeza de que todos os males que não se eliminam agora, desaparecerão quando Cristo vier em glória.

O "Pai de misericórdia e o Deus de toda consolação" (II Cor. 1:3), diz: "Consolai, consolai o meu povo", outorga o perdão e anuncia logo a manifestação de Sua glória com o primeiro advento de Cristo (Isa. 40:1 e 5). E mais. Em Seu amor infinito, dá o Seu Filho unigênito, e com Ele todas as coisas, para nossa salvação e felicidade (S. João 3:16; Rom. 8:32).

E Jesus, o grande Consolador, pela boca do profeta anuncia Sua missão: "O Espírito do Senhor Deus está sobre Mim, porque o Senhor Me ungiu, para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-Me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos, e a pôr em liberdade os algemados (...) a consolar todos os que choram". Isa. 61:1-3.

Cristo veio como "a consolação de Israel" (S. Luc. 2:25) e da humanidade enferma. Ungido por Deus "com o Espírito Santo e com virtude", Jesus "andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele". Atos 10:38.

Sarava os enfermos, consolava os tristes, alentava os abatidos, alimentava os que necessitavam de pão, libertava os endemoniados, perdoava os pecadores, animava as mães, abençoava as criancinhas, devolvia o gozo aos enlutados.

E antes de partir prometeu enviar-nos "outro Consolador" que estivesse para sempre conosco, "o Espírito de verdade", que conosco estaria residindo para sempre, e acrescentou: "O Consolador, o Espírito Santo (...) vos ensinará todas as coisas". Guiará os perdidos ao arrependimento e à paz do perdão, ao conhecimento de toda a verdade, a Cristo o Salvador (S. João 14:26; 16:8 e 13; 15:26).

O Pai, o Filho e o Espírito consolam também guiando à vitória, ao triunfo final do bem sobre o mal, ao mundo renovado, onde "não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor". Apoc. 21:4. Onde os moradores terão "alegria perpétua (...), gozo e alegria, e a tristeza e o gemido fugirão". Isa. 35:10.

Rodeados de homens e mulheres que necessitam consolo, esperança e ânimo, como filho do "Deus de toda consolação", seguindo o exemplo de Jesus, o grande Consolador, e possuídos do outro Consolador, o Espírito Santo, consolemos com "a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus". II Cor. 1:4. Esta é parte vital de nossa missão cristã. ●





## “Filho de Pastor!”

**O** CORO de juvenis da igreja, dirigido pela esposa do Pastor, ensaiava as canções que apresentaria no programa de Natal. Enquanto se davam as últimas indicações correspondentes ao modo de entrar, apresentar-se ao público e cantar, três meninos desapareceram: Gustavo, filho de Pastor, oito anos de idade, Santiago, o maior do grupo, e Jorge, o menor. A ausência deles passou inadvertida por alguns momentos.

O ensaio terminou, e cada pequeno dirigiu-se logo para a varanda onde se encontravam suas bicicletas. Mas ... oh! surpresa! Todos os pneus estavam murchos! Nenhum escapara! Imediatamente dirigiram-se ao Pastor e a sua esposa, a fim de relatar o ocorrido. O pensamento que dominava o ambiente, era: Quem teria feito aquilo? Poucos instantes depois um

dos meninos contou que tinha visto Gustavo, Santiago e Jorge saírem da sala, sem saber aonde iam.

O Pastor imediatamente procurou Gustavo em casa. Chamou-o, mas não estava ali. Alguns momentos mais tarde, ele apareceu. O pai chamou-o ao escritório e conversou com ele. Então Gustavo confessou tudo. Claro, ele não tivera a idéia; esta fora do maior do grupo, que era Santiago. Mas ele, Gustavo, realmente havia colaborado eficazmente para a travessura.

No sábado seguinte todos se encontraram na igreja. Os meninos haviam contado em casa o que sucedera, e as mães agora diziam à esposa do Pastor: “Viú, irmã, o que fez seu filho no dia do ensaio do coro?” Ora, os meninos quando contaram em casa o ocorrido, “não se lembra-



ram” do nome dos três, mas só o de Gustavo, filho do Pastor. E se porventura algum deles tenha relatado tudo como foi, agora as mães dos afetados se lembravam de Gustavo, filho do Pastor! . . .

Não é este um caso que sob diferentes matizes se repete constantemente nas igrejas com os filhos de Pastores? Muitas vezes temos ouvido frases como: “É filho de Pastor, e isto explica tudo”. “Lembre-se de que é filho de Pastor!” “Você precisa dar o exemplo, pois é filho de Pastor”. “Os filhos de Pastores são todos iguais!” Às vezes tem-se a impressão de que falar em filho de Pastor é falar em mal-educado, travesso, revoltado, etc. Estas são idéias que estão na mente de muitos irmãos. Não entraremos aqui no debate se tais asseverações são sempre verdadeiras ou não, embora, para sermos justos, temos de reconhecer que, lamentavelmente, em alguns é assim.

Contudo, cabe uma pergunta: Por que os irmãos às vezes fazem esta idéia deles, levando-se em conta que são meninos como os demais? Por que parece amplificado tudo que faz um filho de Pastor? Acaso não é ele um ser humano, de carne e osso, como os outros? Suas etapas de desenvolvimento físico e psíquico são iguais às de seus congêneres, com as variações próprias de cada caso. Suas inclinações são semelhantes. Porque, então, essa pressão contínua? Há duas razões que explicam esta situação:

1. O Pastor é o líder natural da igreja, ou congregação, onde atua. Por esta simples razão ele é o centro de atenção de todos os irmãos. E por isto mesmo sua esposa também o é. O que às vezes esquecemos é que seus filhos se encontram num nível igual aos demais.

Freqüentemente se fala da caixa de cristal, para ilustrar o fato de que o Pastor é um ser observado pelos irmãos, não só na igreja e no púlpito, mas também na vida particular e de atuação em geral. Pretende-se assinalar com esta acertada figura, a transparência de toda a sua vida, no que se refira a sua atuação. Contudo é preciso lembrar que dentro desta caixa de cristal se encontram os filhos do Pastor, desempenhando um papel de sua importância.

Por esta razão, pela posição especial que ocupam como filhos do líder principal, e pelo que anteriormente já mencionamos, os seus erros são amplificados. Pareceria às vezes até que os irmãos usam uma lente de aumento para olhar os erros deles. Podem dez meninos ou jovens fazer isto ou aquilo, mas basta que o faça o filho do Pastor para que a partir desse momento, sua situação esteja má.

2. A segunda razão que responde a nosso in-

terrogatório original, é mencionada pelo Espírito de Profecia. É uma asseveração de tremendas dimensões: “Por grandes que sejam os males devidos à infidelidade paterna em qualquer circunstância, são dez vezes maiores quando existem na família dos que foram designados mestres do povo”. — *Testimonies*, Vol. 3, p. 172.

Sim, estimado Pastor, é certo que seu filho é como todos os outros, mas sua posição de privilégio o coloca ante uma responsabilidade maior. O filho de um Pastor teve maiores privilégios desde o berço, no que diz respeito à educação e diferentes níveis de vida.

Daí podermos dizer sem temor de equívoco, que é muito delicada a tarefa de um pai-Pastor, e de sua esposa, na educação de seus filhos. Quantos filhos que cresceram ouvindo os sermões do pai, e contudo foram-se do lar para nunca mais voltar!

É tal a aversão que neles se criou por esta só frase: “É filho de Pastor”, que chegam a deplorar a sorte que lhes coube. E essa posição que é toda ela um privilégio que Deus outorga a poucos, tornou-se para eles um verdadeiro infortúnio.

Não é raro que em poucos anos esses jovens se encontrem militando nas fileiras do mundo, ou desenvolvendo atividade que não tem nenhum ponto de relação com a obra de Deus.

Por que rapazes e moças que são filhos de Pastores não se entusiasмам em servir à mesma causa que seus pais? Por que preferem muitas vezes dedicar-se a atividades fora da obra?

Vejamos alguns dos aspectos que se deveriam considerar nesta tarefa tão delicada de filho de Pastor:

Um pai-Pastor consciente, nunca deveria olvidar que seu filho é um dos primeiros que recebem olhares de aprovação ou desaprovação da igreja, no que diz respeito a sua atuação como Pastor. Quantas vezes se vê exaltado, superestimado, e de repente, também, criticado e observado!

Não seria nada fora do comum que logo depois de uma reunião da Comissão da igreja, ou de administração, em que foi necessário tratar de algum problema um tanto debatido, o filho ouviu da boca de algum irmão críticas indignadas a seu pai. Numa palavra, é preciso não esquecer que esse menino, ou jovem, queira ou não, está ligado ao ministério de seu pai. Como os irmãos tratam o Pastor, assim tratam os filhos destes. Eles levam sobre os ombros parte da responsabilidade enorme que foi deposi-

tada sobre seu pai como ministro do evangelho.

Os pais nunca deviam esquecer este aspecto, para ser compreendido quando chegar a vez de inculcar neles um sentido de responsabilidade especial pelo privilégio que lhes toca, sem criar neles um sentimento de aversão. Talvez mais de uma vez seja necessário orar, pensar e meditar, para falar e corrigir o filho que cometeu um erro público.

Vejam alguns princípios gerais que nos ajudariam neste sentido:

1. Lembre-se de que são humanos, e como tais, sujeitos a erro. Não é mau que se lhes mencione de vez em quando a responsabilidade que têm como filhos de Pastor, e o comportamento que devem observar como tais. É até necessário fazê-lo. Eles, naturalmente, não entendem isto, até passados uns tantos anos. Às vezes, lamentavelmente, nunca. É bom, inclusive, estudar a forma de dizer-lhes isto, para que entendam e apanhem a idéia. Eles precisam de compreensão, diálogo permanente, ameno e carinhoso, sem esquecer a severidade que lhe corresponde. Não estou, naturalmente, advogando a indulgência na relação pai-filho. Todavia, existe o perigo de criar-se uma situação tal que, ao crescerem e se desligarem dos pais, queiram mostrar que são independentes, que nada lhes interessa, com as conseqüências inevitáveis. Corrijam seus erros de um modo inteligente, que se não confunde com frouxidão.

2. Não comentem os pais em presença deles o seu desacordo com a obra ou suas amarguras, se as tiver. Aceite, Pastor-leitor, que você não é uma máquina de receber idéias, e que talvez não esteja de acordo com o orçamento que o tesoureiro do campo lhe designou, ou que o plano do departamental de atividades leigas da União não é o mais indicado para esse momento, e que você, como ser individual que é, em sua forma de pensar não está de acordo com tudo que faça ou diga na obra. Isto é bom, pois indica que você é um indivíduo pensante, e não uma "massa amorfa" ou "um robô".

Mas o que não é bom, e nisto desejo pôr ênfase especial, é comentar isto com que não concorda em presença dos filhos, e principalmente com críticas não construtivas. Veja o que é formativo para eles e o que não é. Talvez você me diga: "Eu tenho que me desabafar em casa, pois com ninguém fora devo falar sobre tais problemas". Mas lembre-se também de que seus filhos são como raízes que absorvem todo o alimento que se lhes dê. Suas mentes vão-se nutrido de tudo que você comente ou diga em sua presença.

"Não critiqueis aqueles que levam a carga da responsabilidade. Não permitais que vossas conversas na família sejam envenenadas pela crítica aos obreiros do Senhor. Os pais que se permitem esse espírito de crítica, não põem diante de seus filhos o que pode fazê-los sábios". (...) — *Testimonies*, Vol. 3, p. 172.

Contudo, convém deixar claro que o extremo não é de todo positivo. Não é bom que pensem que todos os colegas de seu pai e administradores da organização são santos. Devem saber, sim, que estão procurando a santidade, mas devem por sua vez ter em mente que são sujeitos a erros e fracassos como todos os demais. Mas acima de tudo são homens dirigidos por Deus, o Pastor dos Pastores, e que Sua obra triunfará, apesar dos erros humanos. Não inculque o Pastor em seus filhos um espírito de amargura ou aversão para com a obra, nem tampouco de tanta necessidade que quando conheçam alguns problemas zombem. Seja equilibrado em seu relato dos fatos. Na obra há desacertos, mas são muito mais os fatos positivos, e estes devem ser enaltecidos.

3. Cuidado com o que comenta sobre os irmãos da igreja, em seu lar. Sim, você o sabe. As crianças às vezes ouvem e entendem mais do que imaginamos. Quando você diz que o irmão Gavoche o fez suar numa reunião da Comissão da igreja, porque tem este ou aquele modo de agir, seu filhinho ouve, e se não o comenta logo com os amiguinhos da igreja, quando vir o tal irmão, imediatamente o seu raciocínio será: "Este irmão fez meu pai passar maus momentos. Não devo gostar dele". Por outro lado as crianças às vezes não compreendem bem o que podem contar e o que convém calar. Cuidado, pois, ao expressar certos conceitos a respeito de alguns irmãos, quando os filhos estiverem presentes.

4. Não perca a oportunidade de comunicar-se com eles. Seu trabalho? Sim, é muito importante, como também é importante o pouco tempo que tem. Mas lembre-se de que Deus lhe pedirá em primeiro lugar dos seres que trouxe ao mundo sob sua responsabilidade. E deixando isto de lado, está lembrado que a curto prazo eles exaltarão o seu ministério ou o destruirão?

Pastores, comuniquem-se com seus filhos. Mostrem-lhes simpatia e o desejo de estar com eles. Eles sabem que você tem pouco tempo. Mas os minutos que lhes dedica serão sobretudo apreciados. Simples perguntas sobre a nota que tirou na escola, sobre seus amigos, seus divertimentos, lhe mostrarão que você está realmente interessado em seu trabalho como Pastor que é, como nas atividades dele como menino e jovem.



Crie um ambiente de relacionamento tão amigável quanto lhe seja possível, especialmente se são filhos varões, de tal modo que tenham confiança para contar-lhe tudo, seja o que for.

"Em alguns casos os filhos dos pregadores são as crianças a quem mais se descuida no mundo, pelo motivo de que o pai está pouco com eles, e deixa que escolham eles mesmos suas ocupações e divertimentos. Deve ele tornar-se companheiro e amigo deles". — *Obreiros Evangélicos*, p. 217.

Eles precisam ver no pai um amigo, mais do que um Pastor. Se é realmente certa e necessária em todo lar a atitude comunicativa de pais e filhos e vice-versa, muito mais o é no lar de um Pastor. A comunicação nem sempre requer extensão de tempo; às vezes simplesmente seus gestos que indicam uma atitude constante.

Que melhor Pastor para um filho de Pastor do que o seu próprio pai? Todavia, se a comunicação não é evidente entre eles, tarde ou cedo buscará outro a quem contar os seus casos da vida, porque não se anima a aproximar-se de seu pai. E isto é sem dúvida um fato muito lamentável.

"Os deveres próprios do pregador o envolvem, longe ou perto, mas o seu primeiro dever é para com seus filhos. Não deve deixar-se absorver por seus deveres exteriores até o ponto de descuidar a instrução que seus filhos necessitam". — *Obreiros Evangélicos*, p. 215.

5. Procure fazer desenvolver neles uma atitude de vivência espiritual. Os filhos de Pastores ouvem muitos sermões e conferências de seus pais, participam de perto em muitas das atividades da igreja, mas a menos que tudo isto seja algo vivido por eles mesmos, logo morrerá. Sua experiência espiritual na generalidade dos casos é completamente diferente da de um jovem ou adulto que tenha experimentado o processo da conversão, estando no mundo. Este experimentou uma autêntica mudança de vida. O filho do Pastor em geral nasce como adventista, e não experimenta o mesmo, salvo exceções. É um processo mais contínuo, às vezes somente anos depois de seu batismo experimenta a conversão.

O Pastor e sua esposa deviam realmente preocupar-se com este ponto: Cristo morando no coração de seus filhos como algo real, e não apenas como mero formalismo. É coisa muito comum que filhos de Pastores saiam do lar com as práticas formais, e quando se separam do lar facilmente olvidam isto, pois não nasceu neles algo pessoal, vívido e real. Deve nascer neles essa chama, tanto quanto nas outras almas que não conhecem a mensagem. "Afinal de contas, não são as almas de seus filhos de

tanto valor como a dos pagãos?" — *Obreiros Evangélicos*, p. 217.

A mesma preocupação que se mostra na conversão de uma alma que nada sabe de Jesus, deve mostrar-se em relação ao filho do Pastor, e quem melhor para provê-lo do que seu próprio pai?

"Nenhuma desculpa tem o pregador por descuidar o círculo interior em favor do círculo maior. O bem-estar espiritual de sua família vem antes de tudo". — *Obreiros Evangélicos*, p. 215.

"Deve haver na família do pregador uma união que pregue um sermão eficaz sobre a piedade prática". — *Id.*, p. 216.

"Por outro lado, o pregador que permite que seus filhos se criem indisciplinados e desobedientes, verificará que a influência de suas atividades e do púlpito fica contrastada pela conduta indigna de seus filhos. O que não pode governar os membros de sua própria família, não poderá ministrar em favor da igreja de Deus, nem preservá-la da contensão e controvérsia". — *Ibid.*

Eles serão cedo ou tarde o espelho de seu ministério. Exaltá-lo-ão ou o rebaixarão ante os membros da igreja. Tornarão sua tarefa como embaixador do Céu mais eficaz ou menos eficaz.

Os filhos do Pastor devem ver a Cristo no pai, antes de tudo. Dessa forma ele será para eles motivo de inspiração. Assim poderão dizer como disse aquele filho de Pastor: "Vi em sua vida um sermão mais eloquente do que todos que o ouvi pregar".

Com Jesus em seu coração o sermão de sua vida prática o levará a igual experiência, e esse será o melhor alicerce para suas pregações e sua atividade como ministro do evangelho.

Seguramente recordará aquele incidente com o menino que se diferenciava tanto de seus companheiros nos jogos, no modo de comportar-se, na aplicação aos estudos, educação, etc., que alguém se aproximou e perguntou-lhe: "Por que você é tão diferente de seus amiguinhos?" Ele respondeu: "Meu pai me disse antes de morrer que eu deveria comportar-me sempre bem, porque sou filho de um rei". Que bela resposta! Aquele pai havia conseguido inspirar em seu filho uma atitude autenticamente diferente.

Oxalá, Pastores, que vossos filhos possam dizer com alegria e gozo que são filhos de Pastores, pelo privilégio que Deus lhes outorgou, e porque desse modo puderam viver mais perto de Jesus.

"Filho de Pastor!"

Que grande privilégio, mas também que grande responsabilidade para você, Pastor, que é seu pai!



# Evangelismo do Mundo Contemporâneo

## Um Tema para o Próximo Sínodo de Bispos

*Por recomendação de um concílio especial, o papa Paulo VI convocou um sínodo mundial de bispos para outubro de 1974. O sínodo — o quarto desde o encerramento do Vaticano II, que aconselhou a convocação regular de tais sessões — tratará da “evangelização do mundo contemporâneo”. Em sua carta em nome do papa, o cardeal Villot disse que “confrontado com as dificuldades do tempo presente, o Sínodo dos Pais será assim convocado para estudar os meios mais adequados para levar a mensagem de salvação de Cristo a todos os homens de Deus”. Para alguns observadores do Vaticano, a agenda parecia expurgada de muitas controvérsias que a igreja enfrenta hoje. “Não vejo como este tópico particular possa criar demasiados argumentos entre os bispos do mundo”, disse uma fonte.*

### Mudou de Endereço?

Para que não se interrompa a remessa de *O Ministério Adventista*, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome .....

Endereço anterior .....

Novo endereço .....

Envie a Casilla 286, Montevideú, Uruguai. Associação Ministerial.

# O MINISTÉRIO adventista

O MINISTÉRIO ADVENTISTA — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André, São Paulo.

Ano 39    Nov.-Dez., 1973    N.º 6

DIRETOR —  
RUBÉN PEREYRA

GERENTE GERAL —  
BERNARDO E. SCHÜNEMANN

REDATOR —  
CARLOS A. TREZZA

COLABORADORES —  
R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA

DEPTO. DE ARTE —  
HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual ..... US\$ 3,00  
Número Avulso ..... US\$ 0,50

### NESTE NÚMERO

Faltam Catorze Páginas ...	2
A Mensagem de uma Ovelha para o Seu Pastor .....	4
Itinerário Digno de Confiança .....	7
Rigor e Dureza .....	8
Os Adventistas... Respondem a Perguntas Sobre Doutrina .....	9
Podemos Demonstrar Nossa Fé a um Cético? .....	13
Resposta de um Pastor ...	17
Consoladores .....	18
“Filho de Pastor!” .....	20
Evangelismo no Mundo Contemporâneo .....	24